

A hora e a vez da ‘erupodiputolização’

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. A hora e a vez da ‘erupodiputolização’. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 108-110. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A hora e a vez da 'erupodiputolização'

É verdade que tem “puto” aí pelo meio do nome, mas, em princípio, nada a ver com molecagem ou coisa do gênero. Trata-se de assunto sério, inclusive tema de elucubrações diversas em música e adjacências.

O palavrão nada mais é do que o cruzamento de dois outros – erudito e popular –, basta ir alternando as sílabas para entender como um se enrosca no outro. Portanto, filho de duas ficções.

Dito isso, ou seja, que todos os gatos são pardos, vale lembrar que o Brasil sempre foi o lugar de putolizações as mais diversas (agora estou usando a forma carinhosa e diminutiva).

O assunto é tão vasto que ameaça estragar qualquer plano de coerência do cronista, putolizado ou não – tá vendo, já se infiltrou no próprio estilo desta singela comunicação.

Está na hora de explicar com exemplos. Lembram daquelas sonoridades maravilhosas no arranjo de Construção de Chico Buarque? Pois foi o ouvido transgressor/erudito de Rogério Duprat que as concebeu. E a investida de Villa-Lobos em canções e ritmos da terra? Ou ainda, a aproximação recente entre Caetano e Jaquinho Morelembaum em torno da orquestração de suas canções?

Não gosto de dizer que o Brasil é o país das misturas de gêneros e de estilos. Porque a própria ideia de mistura remete a uma perda de

identidade, uma confusão que embaralha as distinções. Prefiro pensar em encontros, por mais improváveis que sejam.

O frevo, por exemplo. Quem poderia prever que os salões da Europa se abririam para um gênero rural como a polca, que essa polca já estilizada (eruditizada) seria introduzida em 1853, no Rio de Janeiro, e daí para Recife, onde a utilização por bandas militares com a presença de capoeiristas levaria às últimas consequências. Uma viagem e tanto, colocando a periferia da Europa em contato com a nossa.

Não muda muito quando o assunto é bossa nova. Se de um lado tem a herança da rítmica afro-brasileira, por outro, o que seria da bossa sem aquelas harmonias de fim-de-século que entortam os dedos de qualquer violonista? No mínimo o acorde precisa ser de sétima maior.

Então, não faz muito sentido classificar a audição de uma obra como “A Truta”, de Schubert, que se baseia numa canção popular europeia, como experiência erudita; e a audição de “Desafinado”, na voz de João Gilberto, uma canção que brinca com um curioso entortamento da tonalidade, como coisa popular.

Em rápidas pinceladas – frevo, samba, bossa nova, forró, tropicalia, axé: todos esses gêneros ou repertórios foram palco de interações as mais diversas, as mais curiosas.

Outras tantas e tantas aventuras podem ser contadas pelo viés da tradição de concerto. Os vanguardistas brasileiros precisaram resistir à pressão de purismo do movimento internacional, pois tinham consciência da importância do diálogo com tudo que foi preservado e transformado nos grotões do País. Exemplos não faltam: Guerra-Peixe no Rio (e Recife), Lindembergue Cardoso na Bahia, Gilberto Mendes em Santos. Todos desenvolveram experimentos musicais em torno do encontro improvável entre coisas de lá, daqui e de acolá.

Por isso, parece muito abestalhado qualquer discurso que pretenda entronizar falsos purismos. Parece ridículo ir a concertos

como forma de apego a um signo de distinção e finura. A Orquestra Sinfônica não é a “maior” criação cultural da humanidade. Como diz Juarez Paraíso, a maior criação cultural da humanidade é Deus.

Do lado da indústria cultural, a produção popular enfrenta o desafio do enlatado internacional. A regressão para bobageiras locais tem mostrado ser eficaz em certa medida, garantindo mercados. Mas qual o futuro desse impasse?

Creio que o futuro da música no Brasil – e, aliás, o seu presente também – depende, em boa medida, da capacidade que tenhamos, como sociedade, de permitir que essas negociações continuem fluindo. Para dizer com humor, precisamos radicalizar a erupodiputolização, multiplicando os encontros condignos.

Gostaria de ouvir depois de um concerto para violino e orquestra, a maravilhosa música dos índios Timbira, por que não? Depois de uma peça eletrônica de Rodolfo Caesar, o cântico do caboclo Sultão das Matas. Depois de um quarteto de Schubert, o de Eli-Eri.

O que nos fez forte em termos de música foi justamente a possibilidade ampliada desses encontros improváveis. Não imagino de outra forma um esforço de educação musical em nível nacional.

Nada disso é fácil, porém. Ah! Como são em geral horríveis os arranjos de música popular para Orquestra Sinfônica, vazios e inossos. Ah! Como tantas vezes são absolutamente desajeitados os compositores eruditos que botam uns ritmozinhos picantes em suas imitações sinfônicas. Ah! Quem vai convencer o solista que Beethoven já morreu, e quem gosta de mim sou eu?

PS. Apesar de tudo que foi dito, vale lembrar: existem sim misturas intragáveis e muito cambalacho disfarçado de abertura de espírito. Não se esqueçam de denunciar ao Procon.